

**VARIAÇÃO E ENSINO NO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL***VARIATION AND EDUCATION IN LINGUISTIC ATLAS OF BRAZIL*Marcela Moura Torres Paim¹

RESUMO: Neste artigo se apresenta um dos aspectos de que se ocupa o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), o ensino do português brasileiro. Dessa forma, este trabalho investiga como a linguagem de indivíduos apresenta marcas linguísticas específicas que constroem, mantêm e projetam a diversidade em inquéritos do Projeto ALiB a partir da utilização da variação linguística. Nesse sentido, trata da importância dos atlas linguísticos para o ensino, destacando a publicação dos atlas regionais brasileiros e do atlas linguístico do Brasil. Assim, discute a significativa contribuição dessas obras para o conhecimento da realidade linguística do Brasil, visto que os atlas podem otimizar e motivar as atividades em sala de aula, podendo também ser explorados nas demais disciplinas do currículo escolar. A metodologia empregada consistiu na realização das seguintes etapas: 1) leitura de textos teóricos referentes ao tema proposto; 2) escolha e formação do *corpus*, constituído de inquéritos das capitais do Projeto ALiB; 3) análise do *corpus* a fim de verificar marcas linguísticas transmissoras da construção, projeção e manutenção da variação linguística. As análises dos inquéritos selecionados buscam estudar a variação e sua relação com o ensino no repertório linguístico de informantes da faixa I (18-30 anos) e faixa II (50-65 anos) das diferentes capitais do país. A análise do *corpus* possibilitou realizar o registro e a documentação da diversidade lexical do português falado no Brasil, seguindo os princípios da Geolinguística moderna Pluridimensional em que o registro segue os parâmetros diatópicos e diastráticos.

Palavras-chave: Variação; Ensino; Atlas linguísticos.

ABSTRACT: This article focuses on one of the aspects treated in the project Linguistic Atlas of Brazil (ALiB Project) – the teaching of Brazilian Portuguese language. Therefore, this paper investigates how individuals' language presents specific linguistic marks that construct, maintain and project the diversity in the questionnaire of the ALiB Project, based on the use of the linguistic variation. Thereby, it deals with the importance of linguistic atlas for the education process, highlighting the publication of some Brazilian regional atlas and the linguistic atlas of Brazil. Thus, it discusses the relevant contribution of these works to the knowledge of the linguistic reality in Brazil, as the atlas can optimize and motivate classroom activities and they can also be explored by other subjects of school curriculum. The methodology used was based on the performance of the following stages: 1) reading of the theoretical texts related to the proposed theme; 2) choice and formation of the *corpus*, made up of inquests of the ALiB Project in different capitals; 3) analysis of the *corpus* in order to verify linguistic marks that transmit the construction, projection and maintenance of the linguistic variation. The analyses of the selected inquiries try to study variation and its

¹ Doutora em Linguística, Professora Adjunto da Universidade Federal da Bahia. Salvador-BA. mmtpaim@ufba.br

relationship to education by the informers from different age-groups in the different capitals of the country. The analysis of the corpus enabled the realization of register and documentation of lexical diversity of Portuguese language spoken in Brazil, according to the principles of the modern Pluridimensional Geolinguistics, in which the register follows specific parameters.

Keywords: Variation; Education; Linguistic atlas.

OS ATLAS LINGUÍSTICOS: DEFINIÇÃO E FUNCIONALIDADE

Os atlas linguísticos impõem-se, pela sua própria natureza, como um modo de serviço à Nação de onde advêm diferentes formas de contribuição. Esse pressuposto básico e fundamental consubstancia-se no entendimento de que a realidade de uma língua precisa ser descrita para tornar-se conhecida a fim de permitir a assimilação e a absorção das vantagens que tal fato possa propiciar. Afinal, ao usar a língua, as pessoas buscam, constante e conscientemente, a realização de formulações o mais possível precisas para que haja a mútua compreensão e para que se atinjam os objetivos da comunicação. É justamente esse empenho que instala na enunciação mecanismos que deixam evidente a presença da variação linguística.

A ciência que se ocupa prioritariamente da variação espacial no âmbito da Linguística denomina-se Dialetoлогия que, conforme Cardoso (2010), é definida como

um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. (CARDOSO, 2010, p. 15)

Na atualidade, a Dialetoлогия estuda não apenas as variações regionais dos dialetos e falares de uma determinada localidade, numa visão monodimensional, mas, também, as variações sociais, nelas incluídas as variações diageracionais, diassexuais, culturais, delimitadoras de um grupo cultural que imprime à sua linguagem marcas de sua cultura local e regional, bem como as variações estilísticas. Nessa perspectiva pluridimensional, a observação prioritária continua no aspecto espacial, mas agregam-se outros fatores sociais, como sexo, faixa etária, escolaridade, estilo de fala, nas análises dos dados. Sobre essa questão, manifestou-se Lope Blanch (1978), afirmando que “Se a dialetoлогия tem como finalidade geral o estudo das falas, deverá tratar tanto das suas variedades regionais como das sociais, tanto do eixo horizontal como do vertical”. (LOPE BLANCH, J. 1978, p. 42)

Uma das maneiras de se investigar a língua no enfoque dialetológico é através dos atlas linguísticos, que são conjuntos de mapas, no caso, cartas linguísticas, onde ficam registradas as variações fonéticas, léxico-semânticas e morfossintáticas, existentes em cada uma das regiões, sub-regiões e localidades onde essas variações ocorrem. Nesse sentido, é possível mencionar que os atlas linguísticos são instrumentos ricos e frutos de um trabalho extensivo dos seus autores em que se encontram a representação da variação linguística, seja ela espacial, eminentemente, seja ela social. Conforme Ferreira et al. (1996):

Um atlas lingüístico reúne um conjunto de mapas de um território, mais ou menos vasto, que representam e localizam as realizações dos paradigmas lingüísticos em estudo (de natureza fonética, lexical, morfológica ou sintática), registrando as respectivas variações geográficas. (FERREIRA ET AL, 1996, p. 484)

Desse modo, o domínio geográfico-espacial de abrangência de um atlas linguístico pode ser pré-determinado por critérios de diferentes naturezas, oferecendo uma melhor visualização da distribuição espacial de um dado fenômeno linguístico, além de delimitar sua extensão.

A partir destas considerações preliminares, observa-se que um atlas linguístico pode ser de extrema importância para os estudos da língua, além de salvaguardar a memória sociolingüística de um povo (documentação da história da língua), pode ser um poderoso instrumento para as políticas linguísticas (principalmente no que tange às políticas de ensino), constituindo-se como um tesouro muito valioso para vários ramos da ciência.

A Geografia Linguística, no Brasil, nasce com um pensamento inicial: a elaboração de um atlas linguístico geral do Brasil no tocante à língua portuguesa. Isso é o que se firma, no Decreto nº 30.643, de 20 de março, que assentava, no seu Art. 3º, como principal finalidade da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa a elaboração do atlas linguístico do Brasil. Tal determinação foi regulamentada pela Portaria n.º 536, de 26 de maio do mesmo ano, a qual, ao baixar instruções referentes à execução do decreto de criação do Centro de Pesquisas Casa de Rui Barbosa, estabeleceu como finalidade principal, entre as pesquisas a serem planejadas, a própria elaboração do atlas linguístico brasileiro. No entanto, as circunstâncias de âmbito acadêmico e de ordem sóciohistórica fizeram com que se abdicasse, naquele momento, da ideia de um atlas nacional e se passasse a pensar na execução de atlas regionais.

Começa, então, um novo capítulo para Dialetoлогия do Brasil com a publicação das *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil* (1958 e 1961), por Antenor Nascentes,

a criação de uma mentalidade dialetológica, por Serafim da Silva Neto, e a defesa da realização de atlas regionais, reconhecendo a impossibilidade, naquele momento, de realização de um atlas nacional, por Celso Cunha.

DOS ATLAS LINGÜÍSTICOS REGIONAIS BRASILEIROS AO ATLAS LINGÜÍSTICO DO BRASIL

Nelson Rossi é o estudioso que dá o passo inicial para a Geografia Linguística do Brasil com a publicação do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (1963). Assim, o Brasil começa o seu percurso geolinguístico com a produção de atlas regionais, dos quais o primeiro resultou de pesquisa desenvolvida na Universidade Federal da Bahia e foi publicado em 1963.

Na atualidade, o Brasil conta com dez atlas linguísticos regionais publicados. Primeiramente, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), que possui como autor Nelson Rossi e co-autoras Carlota Ferreira e Dinah Isensee e foi feito e publicado entre 1960 e 1963. Recobre todo o Estado da Bahia, com uma rede de 50 localidades, que se distribuem pelas diferentes áreas geográficas e culturais.

Embora, por dificuldade de financiamento, publicado somente em 1987, o *Atlas Lingüístico de Sergipe* (ALS), quanto à recolha de dados e preparação de cartas, se segue imediatamente ao APFB e tem os seus originais prontos para impressão desde 1973. Foi executado pelo grupo de pesquisadores da Bahia, tendo como autores Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freitas, Nadja Andrade, Suzana Cardoso, Vera Rollemberg e Nelson Rossi. Esse atlas se configura como pluridimensional ou bidimensional, uma vez que focaliza cartograficamente duas variáveis, a diatópica e a diassexual.

Tendo como autores José Ribeiro, Mário Zágari, José Passini e Antônio Gaio, o *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* (EALMG), volume I, foi concebido em quatro volumes dos quais se publicou o primeiro em 1977, estando os demais no prelo. Recobre o Estado de Minas Gerais, apresentando dados de 116 localidades, recolhidos *in loco*, a que se adicionam os depoimentos tomados por correspondência em 302 pontos, com o intuito de comprovar, no nível lexical, a validade ou não de isoléxicas traçadas a partir de dados colhidos diretamente.

O *Atlas Lingüístico da Paraíba* (ALPB), de autoria de Maria do Socorro Silva de Aragão e Cleusa Bezerra de Menezes, foi idealizado em três volumes, os dois primeiros dos



quais foram editados em 1984. Contém dados de 25 municípios, escolhidos como base, e mais três outros, considerados municípios-satélites, para cada uma das localidades inquiridas que servem como instrumento de controle dos dados registrados e, por isso, não figuram nas cartas. Apresenta, no seu volume I, um conjunto de cartas lexicais e/ou fonéticas num total de 149, precedidas da parte introdutória referente à metodologia.

O *Atlas Lingüístico do Paraná* (ALPR), de autoria de Vanderci de Andrade Aguilera, foi apresentado inicialmente como Tese de Doutorado, em 1990, e foi publicado, em 1994, em dois volumes. Traz um conjunto de 191 cartas linguísticas, que apresentam os dados recolhidos em 65 localidades distribuídas por todo o Estado do Paraná.

O *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul*, coordenado por Walter Koch, dá conta dos Estados de Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, teve os dois primeiros volumes, referentes à introdução e dados fonéticos e morfossintáticos, publicados em 2002 e o terceiro volume publicado em 2012.

O *Atlas Lingüístico Sonoro do Pará*, de autoria de Abdelhak Razky, foi publicado em 2004 e constitui-se o primeiro atlas sonoro do Brasil, sendo, portanto, um “atlas de terceira geração” visto que além do registro geolinguístico, apresenta também a interpretação dos fenômenos observados e a voz do informante. Esse atlas é o primeiro com dados da região norte do Brasil, tem 10 localidades em sua rede de pontos, com 40 informantes no total, que responderam ao questionário composto de 159 perguntas de natureza fonético-fonológica.

O *Atlas Lingüístico de Sergipe-II* foi apresentado por Suzana Cardoso, em 2002, como Tese de doutorado na Universidade Federal da Rio de Janeiro, publicada três anos depois, ou seja, em 2005. O intuito desse atlas foi dar continuidade ao atlas publicado em 1987, utilizando os dados coletados entre 1963 e 1964, mas não explorados. Assim como o primeiro atlas de Sergipe, este também se configura como pluridimensional ou bidimensional, uma vez que focaliza cartograficamente duas variáveis, a diatópica e a diassexual. É interessante salientar que o *Atlas Lingüístico de Sergipe* (CARDOSO, 2005) configura-se como um “atlas de segunda geração” (CARDOSO, 2005, p. 116) uma vez que além do registro geolinguístico, apresenta também a interpretação dos fenômenos observados.

Em 2007, foi organizado, por Dercir Pedro de Oliveira, o *Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul*, o primeiro atlas que apresenta dados da região centro-oeste do país, composto de cartas fonéticas, semântico-lexicais e morfossintáticas, tem 32 localidades em sua rede de pontos, com 128 informantes no total, que responderam ao questionário composto de 557 perguntas de natureza fonético-fonológica e lexical.

Mais recentemente, em 2010, foi publicado o *Atlas Linguístico do Ceará*, organizado por José Rogério Fontenele Bessa, que é o décimo atlas publicado no Brasil e mais um que contempla estado da região nordeste do Brasil, tem 70 localidades em sua rede de pontos, com 280 informantes no total, que responderam ao questionário composto de 306 perguntas semântico-lexicais.

A esses atlas publicados somam-se 14 (quatorze) atlas em andamento e em diferentes estágios: Atlas Linguístico do Pará, Atlas Linguístico do Maranhão, Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte, Atlas Linguístico de Mato Grosso, Atlas Linguístico de São Paulo, Atlas Linguístico do Acre, Atlas Linguístico do Espírito Santo, Atlas Linguístico de Rondônia, Atlas Linguístico de Alagoas (Tese), Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Oeste do Paraná (Tese), Atlas Linguístico do Oeste de São Paulo (dissertação), Atlas Linguístico do Oeste Potiguar (Tese), Atlas Linguístico do Igatu (Ceará) (Dissertação), Atlas Linguístico das Minorias Alemãs na Bacia do Prata.

A ideia do Atlas Linguístico do Brasil foi retomada por ocasião do Seminário Nacional *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, realizado em Salvador, na Universidade Federal da Bahia, em novembro de 1996, com a participação de dialetólogos brasileiros e do Diretor do ALiR (*Atlas Linguistique Roman*), Prof. Michel Contini (Grenoble). Naquela ocasião foi criado um Comitê Nacional, integrado pelos autores dos cinco atlas linguísticos regionais já publicados e por um representante dos atlas em andamento. São eles: os Professores Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (UFBA), que preside o Comitê, Jacyra Andrade Mota (UFBA), Maria do Socorro Silva de Aragão (UFPB), Mário Roberto Lobuglio Zágari (UFJF), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL) e Walter Koch, representando os atlas em andamento².

Em 2014, os volumes 1 e 2 do *Atlas Linguístico do Brasil* (cf. CARDOSO et al, 2014) foram publicados como frutos do trabalho desenvolvido pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), na sua essência, um projeto linguístico porque busca documentar, descrever e interpretar a realidade do português brasileiro, tendo, exatamente por esse caráter, uma evidente interface com diferentes ramos do conhecimento organizado, decorrente do fato de que a história de uma língua é a história do próprio povo que a fala.

²Atualmente, o Comitê Nacional do Projeto ALiB é constituído pelos professores Suzana Alice Cardoso (Presidente), Jacyra Andrade Mota (Diretora-Executiva), ambas da UFBA, e os diretores científicos Abdelhak Razky (UFPA), Aparecida Negri Isquerdo (UFMS), Felício Wessling Margotti (UFSC), Maria do Socorro Aragão (UFPB/UFC) e Vanderci de Andrade Aguilera (UEL).

O Projeto ALiB fundamenta-se nos princípios gerais da Geolinguística contemporânea, priorizando a variação espacial ou diatópica e atento às implicações de natureza social que não se pode, no estudo da língua, deixar de considerar. Assim, o Projeto ALiB objetiva descrever o português falado no Brasil com base em dados coletados em 250 pontos, representativos de todas as regiões, e recolhidos, *in loco*, a 1.100 informantes, distribuídos equitativamente por duas faixas etárias — 18 a 30 anos e 50 a 65 anos —, pelos dois sexos e, nas capitais de Estado, em número de 25 (as capitais Palmas, Estado de Tocantins, e Brasília, Distrito Federal, se excluem por questões metodológicas em virtude de serem cidades recém-criadas), por dois níveis de escolaridade — fundamental e universitário —, ficando os demais pontos da rede com apenas informantes do nível fundamental.

Esse caráter de que se reveste o Projeto ALiB tem duas evidentes implicações: por um lado, inspira e fundamenta a sua concepção na pluralidade do conhecimento; por outro, permite que, dos resultados que venha a oferecer, se beneficie amplo espectro das ciências na atualidade.

O volume 1 – *Introdução* – apresenta parte significativa da história da construção do Atlas Linguístico do Brasil, abordando a metodologia seguida, com destaque para a rede de pontos, os questionários e os informantes, a que se junta a informação sobre a cartografia dos dados.

O volume 2 – *Cartas linguísticas 1* – traz resultados das 25 capitais brasileiras objeto da pesquisa – Palmas e Brasília, por razões metodológicas, não foram incluídas – espelhados em mapas linguísticos com dados fonéticos, morfossintáticos e semântico-lexicais que mostram a realidade pesquisada.

A publicação do *Atlas Linguístico do Brasil* vem preencher uma lacuna nos estudos dialetais brasileiros, qual seja, a de fornecer, de modo comparativo, dados sobre o português brasileiro considerado na sua diversidade espacial, portanto diatópica, e observadas as variantes sociolinguísticas presentes na língua, de que resulta a diversidade de usos no plano diageracional, diastrático, diassexual ou diafásico.

A IMPORTÂNCIA DO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL PARA O ENSINO DA LÍNGUA

Os atlas linguísticos destacam-se pela contribuição social e pelo aporte que podem trazer à economia no processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa, permitindo o

conhecimento da realidade espacial do domínio do português, explicitando as diferenças e convergências que se registram no território nacional, relacionando áreas dialetais a áreas socioculturais e oferecendo um conjunto de dados linguísticos que venham a contribuir para o aperfeiçoamento do ensino do português.

Os volumes iniciais publicados do *Atlas Linguístico do Brasil* são de fundamental importância para o entendimento da variação linguística, de forma a eliminar preconceitos e discriminações sociais fundadas na realidade da língua, mostrando como convivem diferenças e convergências, reconhecendo, porém, a validade da existência de um padrão culto necessário à comunicação oficial, à ministração do ensino, à efetivação do discurso formal e às opções de grupos de falantes.

Além disso, os volumes 1 e 2 do atlas fornecem elementos para a construção da história da língua portuguesa no Brasil, quer pela indicação dos caminhos seguidos, quer pela natureza das opções de mudança feitas, quer pelo estabelecimento de camadas caracterizadas linguisticamente, social e geograficamente, quer, ainda, pela referência a resultados de contato com outras línguas ou à adoção de empréstimos linguísticos. Assim, os atlas permitem a atualização de dicionários da língua portuguesa bem como auxiliam a construção de uma gramática voltada para a realidade do português brasileiro.

A contribuição do *Atlas Linguístico do Brasil* para o ensino da língua facilita o trabalho de estudiosos da língua portuguesa e das demais áreas dos estudos linguísticos, dos pesquisadores de áreas afins (história, antropologia, sociologia, entre outras) e dos pedagogos (gramáticos, autores de livros-texto para o ensino fundamental e médio, professores), dando subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal brasileiro.

Logo, os volumes já publicados do atlas abordam questões altamente relevantes para a Nação brasileira: a variação da língua majoritariamente falada, a língua portuguesa, como se procura, a seguir, ilustrar.

- Comprando na loja *rouge*, *blush* ou *carmim*, a depender de onde se encontra.

Figura 1 – Designações diatopicamente representativas para *rouge*



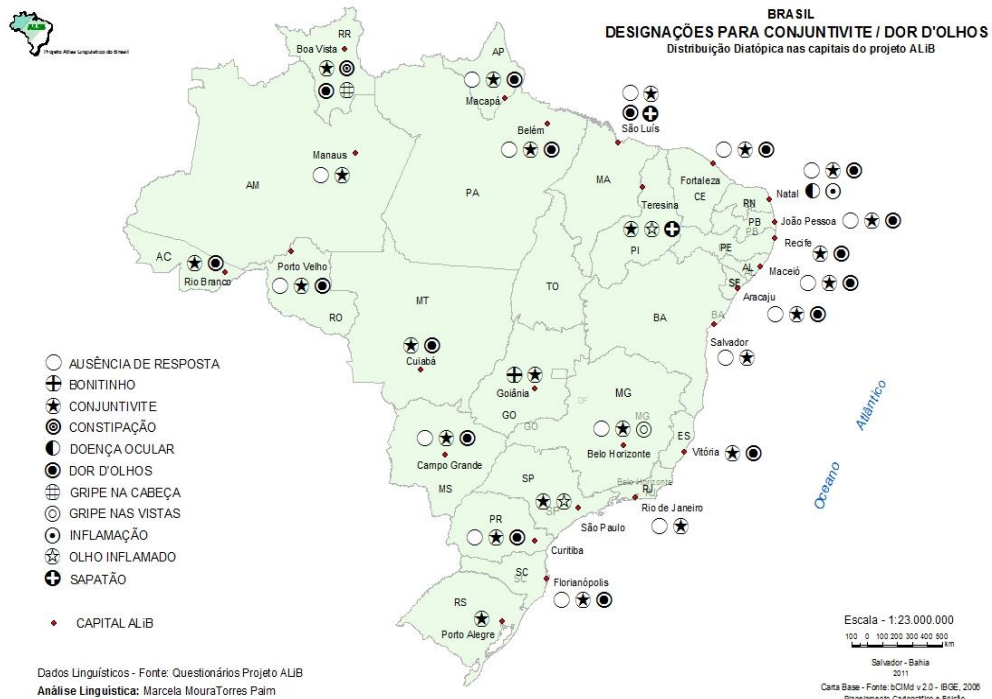
Fonte: PAIM (2015)

Como é possível visualizar, o atlas linguístico exhibe a fotografia da língua portuguesa, num dado momento e numa área geográfica particular. Nessa obra, registra-se uma sincronia da língua que pode, por sua vez, ao exibir a sua variação, também, estar traçando caminhos de sua transformação como pode exemplificar o mapa a seguir:

- A palavra *conjuntivite* dando lugar ao *dordolho* ao lado de *dordoio* (presente no APFB 92³, ALS 99 e nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil), como a dizer que a iotização está presente em nossa língua;

Figura 2 – Designações para *conjuntivite/dor d'olhos* nas capitais do Brasil

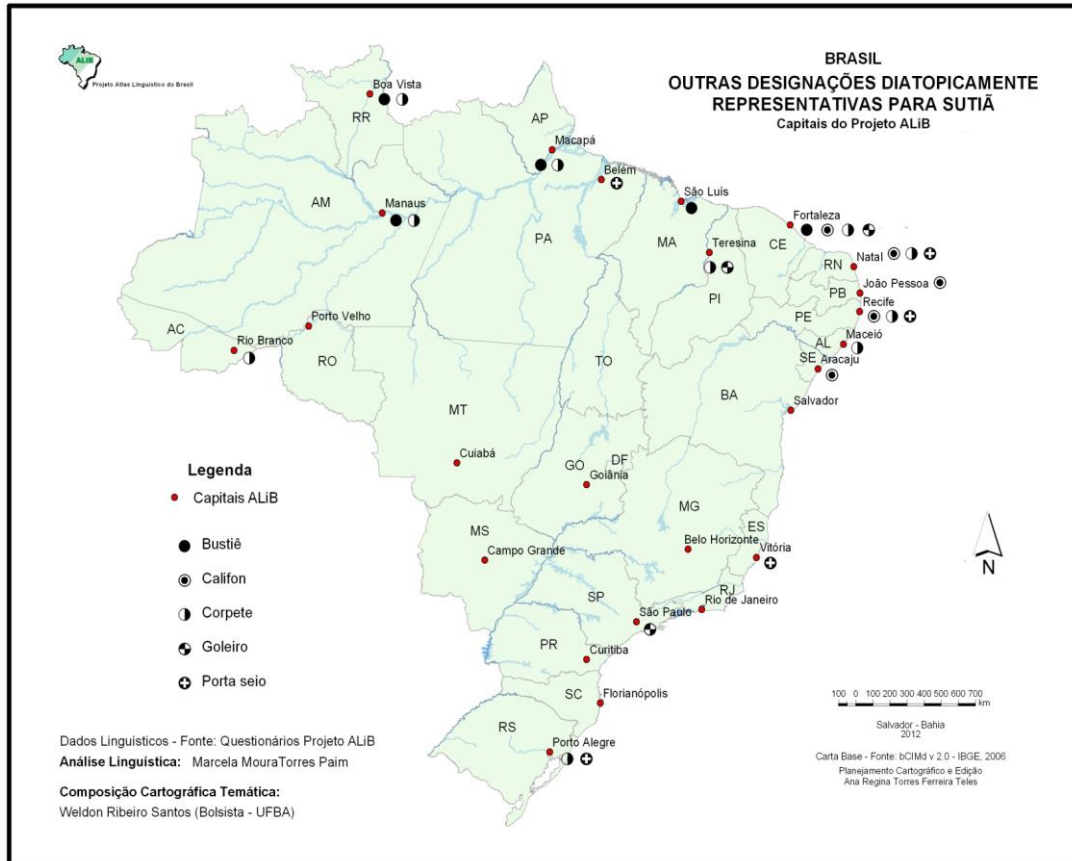
³ Indicação do número da carta no atas.



Fonte: PAIM (2011)

- A denominação *califon*, ainda presente no Nordeste, para peça utilizada pelas mulheres para segurar os seios, cedendo lugar ao *sutiã*, numa prova de que a novidade ganha espaço;

Figura 3 – Designações para *sutiã* nas capitais do Brasil



Fonte: PAIM (2015)

Nesse contexto, também afloram as relações da língua com as diferentes áreas do conhecimento, com as distintas maneiras de se comportar, com o ser do homem, afinal com a sua própria língua o homem se espacializa — é um paulista ou um pernambucano, comprando *aipim* ou *macaxeira* para cozinhar; ele se situa socialmente, exibindo o estrato social em que se insere, ao procurar um *trabalho* ou o *trabaio*; ele se exhibe num tempo real sem perder a sua vinculação temporal — compra *blush* no *shopping center*, mas, em casa, continua passando *ruge* na sua face.

De todas essas situações, os atlas linguísticos podem mostrar direcionamentos para descobertas sobre a língua, pois oferecem elementos de substancial importância para a formulação de um ensino-aprendizagem da língua materna equacionado à realidade de cada região, permitindo, assim, o reconhecimento do caráter linguístico de cada área e a sua vinculação ao estabelecimento de princípios metodológicos do ensino do vernáculo.

Nesse sentido, a relação da Dialectologia com a sociedade usuária da língua descrita explicita-se por meio de maneiras específicas de contribuição e, identificadas com a

possibilidade de permitir o conhecimento da realidade espacial do domínio do português, evidenciando as diferenças e convergências que se registram no território brasileiro. Assim, discutir com os alunos em sala de aula acerca do entendimento da variação linguística como fenômeno peculiar a toda e qualquer língua, de forma a eliminar preconceitos relacionados aos juízos de valores que denotam noções equivocadas de “certo”, “errado”, “feio” e “bonito” e discriminações sociais fundadas na realidade da língua.

Dessa forma, o trabalho com os atlas linguísticos em sala de aula possibilita uma amostragem sobre como convivem diferenças e convergências, reconhecendo, porém, a validade da existência de um padrão culto necessário à comunicação oficial, à ministração do ensino, à efetivação do discurso formal e às opções de grupos de falantes.

Os volumes do *Atlas Linguístico do Brasil* podem contribuir muito no ensino de língua por fornecer elementos para a construção da história da língua portuguesa no Brasil, quer pela indicação dos caminhos seguidos, quer pela natureza das opções de mudança feitas, quer pelo estabelecimento de camadas caracterizadas linguisticamente, social e geograficamente, quer, ainda, pela referência a resultados de contato com outras línguas ou à adoção de empréstimos linguísticos. Além disso, podem viabilizar a atualização de dicionários da língua portuguesa e a construção de uma gramática voltada para a realidade do português brasileiro, melhorando o ensino que é um agente de progresso e um dos grandes responsáveis pela qualidade da produção e pelo aperfeiçoamento da mão-de-obra qualificada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A melhoria do ensino é um agente de progresso e um dos grandes responsáveis pela qualidade da produção e pelo aperfeiçoamento da mão-de-obra qualificada e para atingir essa meta a contribuição dos estudos geolinguísticos é de fundamental valia. O trabalho com os atlas linguísticos na sala de aula propiciará um melhor equacionamento do ensino-aprendizagem à realidade de cada região, uma vez que, descritas as peculiaridades de cada área e caracterizada a variedade de uso da língua ali dominante, pode-se construir um modelo de ensino do vernáculo mais eficaz com o uso dos dados linguísticos que venham a possibilitar a adequação de material didático à realidade linguística de cada região e o entendimento do caráter multidialetal do Brasil.

As reflexões apresentadas, que não tinham a intenção de ser exaustivas na exemplificação dos mapas ilustrativos, tiveram como objetivo o despertar da consciência do



multidialealismo, salientando as distintas realidades do português brasileiro, para a importância do seu reconhecimento como maneiras de expressão da língua e para a necessidade de observar a pluralidade de usos no momento do ensino formal.

No momento atual, a Dialectologia tem papel importante para reflexão da língua portuguesa, dando o salto da teoria à práxis para que alunos e professores encontrem as formas de aprofundar o ensino-aprendizagem da língua materna, tendo em vista a variação. Nesse sentido, a utilização dos atlas linguísticos na sala de aula contribui para a compreensão de que a língua deve ser sempre um instrumento de socialização de ganhos, de histórias, de fontes de conhecimento e, sobretudo, de humanização de todo e qualquer falante no seu trato diuturno e jamais uma forma de discriminação, de estigmatização.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas Lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994. 2 v.

ALTENHOFEN, Cléo. *Atlas Lingüístico-Etnográfico da região Sul do Brasil*. V. III e IV. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: Editora da UFRGS/Editora da EFSC/Editora da UFPR, 2012.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; MENEZES, Cleuza Bezerra de. *Atlas Lingüístico da Paraíba*. Brasília: UFPB; CNPq, Coordenação Editorial, 1984.

BESSA, José Rogério Fontenele. *Atlas Linguístico do Ceará*. Fortaleza: Editora da UFC, 2010.

CARDOSO, Suzana. et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Londrina: Eduel, 2014. v. 2.

CARDOSO, Suzana. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. *Atlas Lingüístico de Sergipe II*. Salvador: EDUFBA, 2005.

CARDOSO, Suzana; FERREIRA, Carlota. *A dialectologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, Manuela Barros; CARRILHO, Ernestina; LOBO, Maria; SARAMAGO, João; CRUZ, Luísa Segura. Variação linguística: perspectiva dialectológica. In: FARIA, Isabel



Hub; PEDRO, Emília Ribeiro; DUARTE, Inês; GOUVEIA, Carlos A. M. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa, Editorial Caminho, S.A., 1996. p. 479-502.

FERREIRA, Carlota; FREITAS, Judith; MOTA, Jacyra; ANDRADE, Nadja; CARDOSO, Suzana; ROLLEMBERG, Vera; ROSSI, Nelson. *Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS)*. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário; ALTENHOFEN, Cléo. *Atlas Lingüístico-Etnográfico da região Sul do Brasil*. V. I e II. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: Editora da UFRGS/Editora da EFSC/Editora da UFPR, 2002.

LOPE BLANCH, M.. La sociolingüística y la dialectología hispánica. In: ALVAR, M. & LOPE BLANCH, M. *En torno a la sociolingüística*. México, UNAM, 1978, p.33-58.

NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC; Casa de Rui Barbosa, v. 1, 1958. v. 2, 1961.

OLIVEIRA, Dercir. Pedro de (Org.). *ALMS - Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul*. 1. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

PAIM, Marcela Moura Torres. A variação semântico-lexical e a identidade social de faixa etária nas capitais do Brasil. In: KRAGH, Kirsten Jeppesen; LINDSCHOUW, Jan. (Orgs.). *Les variations diasystematiques et leurs interdépendances dans les langues romanes*. Strasbourg: Éditions de linguistique et de philologie, 2015. p. 253-264.

PAIM, Marcela Moura Torres. A variação lexical nos campos semânticos corpo humano e ciclos da vida: o que revelam os dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. *Diadorim*, n. 8, Rio de Janeiro, 2011.

RAZKY, Abdelhak. (Org.) *Atlas lingüístico sonoro do Pará*. Belém: PA/CAPES/UTM, 2004. CDRoom.

RIBEIRO, José; ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio; PASSINI, José; GAIO, Antônio Pereira. *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Casa de Rui Barbosa; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1963.



Recebido em: 04/08/2015

Aprovado em: 31/05/2016